

OS CAMINHOS DA PESQUISA-AÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA EXPERIÊNCIA COLABORATIVA NO CAMPUS CLÓVIS MOURA -UESPI

Jânio Jorge Vieira de Abreu
Universidade Estadual do Piauí

1. REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

A tradição cultural brasileira privilegia a condição da Universidade como lugar de ensino, entendido e, sobretudo praticado como transmissão de conhecimentos. Mas apesar da importância dessa função, em nenhuma circunstância pode-se deixar de entender a Universidade igualmente como lugar priorizado da produção do conhecimento e, conseqüentemente, como lugar de pesquisa e extensão. Este problema já vem sendo denunciado por alguns pesquisadores. Antonio Joaquim Severino (2002) coloca como a principal causa do fraco desempenho do processo de ensino/aprendizagem do ensino superior brasileiro, uma enviesada concepção teórica. Além desta, outro fator denunciado por inúmeros pesquisadores, é a equivocada postura prática, em decorrência da qual se pretende lidar com o conhecimento sem se construí-lo efetivamente.

O exercício acadêmico, tanto de professores/ras quanto de alunos/nas, deve ser pautado por uma atitude sistemática de ensino, pesquisa e extensão à comunidade, a ser traduzida e realizada por meio de procedimentos metodológicos e técnicos, epistemologicamente fundamentados.

Respeitadas as limitações e dificuldades estruturais pelas quais atravessa a universidade pública brasileira, é possível desmistificar a pesquisa acadêmica. Isto, porque, a atitude de pesquisa propicia alcançar o ideal de ser sujeito na história, pois busca a superação das condições atuais de reprodução do conhecimento.

Diante do exposto o texto aqui apresentado é resultado de uma experiência de pesquisa-ação no campo de pedagogia e de outras licenciaturas no Campus Clóvis Moura da Universidade Estadual do Piauí. Pensou-se uma ação colaborativa que a principio surgiu como compromisso de trabalho de estágio probatório e do regime de Dedicção Exclusiva à Universidade Estadual do Piauí. No entanto, tal iniciativa se apresentou como possibilidade de desenvolvimento de práticas de pesquisa, a partir da socialização das trajetórias docentes

e discentes no espaço e no fazer acadêmico. É uma tentativa de apoiar professores/ras e alunas/nos que pretendem iniciar ou ampliar trabalhos de investigação no campo da educação.

O objetivo do trabalho foi favorecer a inserção de professores/ras e alunos/as no processo sistemático e ininterrupto da prática de pesquisa para um exercício acadêmico produtivo e inovador em idéias, conceitos e experiências científicas em educação.

2. A PRÁTICA DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM UNIVERSIDADES: UM OLHAR PARA O CAMPUS CLÓVIS MOURA - UESPI

A prática de pesquisa nas universidades tem sido motivo de grande inquietação para professores e estudantes, sobretudo quando se propõe as monografias de conclusões de curso. Esta inquietação justifica-se pela existência de algumas limitações das academias científicas para a produção do trabalho científico, entre outras, pode-se destacar: a pouca quantidade de bolsas dos programas de iniciação científica; a indisciplina dos alunos na atividade investigativa; a pouca dedicação e desqualificação de professores para orientação dos trabalhos científicos, etc.

Nesta experiência no Campus Clóvis Moura, não houve a pretensão em criar uma escola de pesquisa, mas fazer escola na academia. Desejou-se, no entanto, nos valer de uma franqueza peculiar, destacando que, a iniciativa se deve à constatação da carência da prática investigativa e da confusão, mistura ou ecletismo que guia a maioria das poucas experiências de pesquisas por nós observadas. Robert C. Bogdan; Sari Knoop Biklen (1994) e Ivani Fazenda (1999) contribuíram para superação dos obstáculos acima mencionados nesta experiência de pesquisa qualitativa em educação.

Além destes fatores e consequência deles pode-se mencionar ainda, as dificuldades de alunos e professores na identificação de temas, formulação de problemas e, especialmente, a falta de habilidade em identificar e conduzir uma metodologia de pesquisa coerente com o que deseja pesquisar e que proporcione deslanchar na descoberta e/ou na verdadeira produção de conhecimentos.

Este trabalho foi desenvolvido através da metodologia da pesquisa-ação definida por Michel Thiollent (1988, 14) como:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Isto porque, temos discutido tanto a necessidade de fazer educação coletivamente, em processo e de forma reflexiva, mas, com raras exceções, temos praticado muito de forma isolada, em cursos teóricos e/ou rápidos, sem a dimensão prática, distante da realidade, sem contemplar as reais necessidades dos educandos e, sobretudo, sem alcançar resultados concretos.

Diante desta realidade procurou-se, a partir de abril de 2005 no Campus Clóvis Moura da Universidade Estadual do Piauí, desenvolver os “Caminhos da Pesquisa em Educação” para os estudantes dos cursos de formação de professores. Foi uma iniciativa no sentido de desenvolver um trabalho coletivo com a comunidade acadêmica em que se trabalhou as dificuldades de produção do trabalho científico, sobretudo, da produção de TCCs, praticando a pesquisa e a produção de monografias.

Esta postura foi compartilhada entre outros colegas da instituição (UESPI) e há décadas vem sendo incisivamente defendida por célebres educadores, entre outros, Paulo Freire (1998, p. 32):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

No Campus Clóvis Moura, respeitados as boas experiências, praticava-se o ensino e a formação de professores sem um aprofundamento investigativo, copiava-se e memorizava-se textos, textos que devem ser lidos e vivenciados, mas antes de tudo recriados. A recriação é o produto da síntese que resulta da relação entre as referências e as experiências próprias para construção de algo novo. Sentia-se a necessidade de pesquisar,

de produzir os próprios textos, ter as próprias mensagens. Nos estudantes e professores sentia-se o desejo de ser lidos e considerados na academia e isto foi-se aprimorando aos poucos com a pesquisa, com novas descobertas, com reflexões conclusivas e reflexivas.

Iniciou-se um planejamento e execução de ações de apoio básico e preliminar à aqueles/las educadores/ras e educandos/das que pretendiam iniciar e prosseguir um trabalho no campo da investigação educacional. Neste sentido, não pretendeu-se competir com as boas iniciativas já existentes em outras universidades ou faculdades, nem desconsiderar a prática de pesquisa já efetivada na própria instituição ou no meio acadêmico da Universidade Estadual do Piauí, mas contribuir com mais uma experiência que oferecesse oportunidades de investigações sistemáticas e organizadas num processo em que seus participantes tivessem possibilidades de fazer o seu percurso com tempo para pensar no processo de pesquisa inserido no próprio processo de aprendizagem da pesquisa.

Assim, as atividades e/ou ações desenvolvidas e compartilhadas com a comunidade acadêmica foram as seguintes: identificar os conceitos e pressupostos básicos para a elaboração de Projetos de Pesquisa em Educação; analisar as principais teorias e correntes de pensamento que orientam a prática de pesquisa em educação; propiciar a coerência e a disciplina de alunos/nas e professores/ras pesquisadores/ras na prática investigativa; levantar idéias, problemas e objetos de pesquisa para a investigação acadêmica; capacitar o/a pesquisando/a a fazer a relação entre sua concepção de mundo e a idéia de pesquisa; capacitar o pesquisando a fazer a adequada inserção de sua idéia de pesquisa no quadro teórico específico que lhe serve de apoio para o estudo dos fenômenos educacionais e ou sociais; caracterizar métodos e técnicas diversas de pesquisa em educação; socializar experiências de ensino e aprendizagem diversas do ensino básico e superior e proporcionar relatos, divulgação e publicação da produção de alunos/nas e professores/ras participantes do Projeto “Caminhos da Pesquisa em Educação”.

Ao invés de uma experiência teórica de uma disciplina ou um curso de curta duração em que os participantes assimilassem conceitos passageiros e desvinculados de sua realidade escolar, optamos por um aprendizado reflexivo, que as pessoas se encontram como pesquisadores ou se façam e refaçam no processo. A idéia foi dar ênfase à necessidade da inquietação natural ou de propiciar a decisão ontológica e gnosiológica do investigador.

Neste sentido, no primeiro momento, procurou-se sistematizar, a nível elementar, instrumental, os conceitos fundamentais das principais correntes do pensamento contemporâneo que influenciam na prática de pesquisar a educação. No segundo momento, passamos pela percepção das experiências teóricas e empíricas de dezenas de pesquisadores iniciantes e experientes no campo de pesquisa em educação, apresentando suas diversas temáticas, linhas, objetos de estudo, metodologias e todas as angústias, prazeres, dúvidas, certezas, conclusões, reflexões, problemas, etc, que demandam o processo investigatório e que foram vivenciados por eles e elas. Em seguida iniciou-se e ainda prossegue o terceiro momento que se constitui na aterrissagem nas experiências próprias dos/das participantes do Projeto, o que tem resultado na apresentação e/ou exposição de seus relatos, produções e publicações em anais e CDs.

Tem sido uma caminhada simples que, dos primeiros passos inseguros, alcançou-se uma corrida lenta, mas ininterrupta, prazerosa e resistente a uma vida acadêmica necessariamente investigativa.

Um dos principais problemas para alunos e professores se inserirem no processo sistemático e contínuo da investigação científica é a falta de orientação adequada e oportuna a partir dos primeiros momentos da vida escolar. Isto faz com que a comunidade acadêmica crie resistência e até indisposição para a iniciação científica e continuidade na prática investigativa. Além disso, pesquisadores como: Paulo Freire (1998); Antonio Carlos Gil (2002); Maria Cecília de Sousa Minayo (1994); Antonio Joaquim Severino (2002); Augusto N. S. Trivinos (1997) e outros, defendem que o pesquisador, por coerência, por disciplina, deve ligar a apropriação de qualquer idéia à sua concepção do mundo, em primeiro lugar, e, em seguida, inserir essa noção no quadro teórico específico que lhe serve de apoio para o estudo dos fenômenos educacionais e ou sociais. E esta é uma habilidade que não se adquire em pequenas e isoladas experiências na academia. Exige um processo de escolarização para a pesquisa.

Os fundamentos psicológicos da educação orientam que a curiosidade do saber está relacionado ao ciclo gnosiológico natural de todo ser humano. Esta curiosidade quando se constitui num processo metódico e rigoroso faz o ser humano transitar da ingenuidade para a curiosidade epistemológica. Neste sentido, o pensamento sistemático, reflexivo ou o pensar certo de Freire (1998), do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao

senso comum no processo de sua necessária superação, quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso de educadores e educadoras com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente, mas num processo.

A indisciplina na produção de conhecimento é definida por Triviños (1997, p. 15) como sendo:

... ausência de coerência entre os suportes teóricos que, presumivelmente, nos orientam e a prática social que realizamos. Confusamente nos movimentamos dominados por um ecletismo que revela, ao contrário do que se pretende, nossa informação indisciplinada e nossa fraqueza intelectual. (...) A mistura de correntes de pensamento, as citações avulsas fora de contexto etc., não só desse tipo de criatividade intelectual mencionados, mas também, de textos que circulam nos meios pedagógicos etc., são facilmente detectáveis por quem costuma trabalhar dentro dos limites de uma linha definida de idéias.

Neste sentido, o pesquisador, por coerência, por disciplina, deve ligar a apropriação de qualquer idéia à sua concepção de mundo, em primeiro lugar, e, em seguida, inserir essa noção no quadro teórico específico que lhe serve de apoio para o estudo dos fenômenos educacionais e ou sociais.

As razões que explicam esta falta de disciplina na organização do pensamento, na nossa prática de pesquisa ou de investigação e que poderia resultar numa produção científica sólida, é de natureza múltipla, mas pode-se citar exemplos fundamentais. Primeiramente ela é de natureza histórica e se manifesta de diversas maneiras. Triviños (1997); Severino (2002) denunciam o limitado desenvolvimento do espírito crítico fruto de uma estrada estreita e única no estudo do pensamento científico. Outro aspecto que, inclusive, é inquietação de autores de outros campos de conhecimento além da metodologia da pesquisa científica, é a dependência cultural em que vivemos historicamente. Ela tem sido limitada a um centro propagador de uma cultura que nos torna obrigados a sobrevivência intelectual através de um modelo de ciência e de sua técnica. É submetida a uma força maior – o modelo econômico.

3. CONCLUSÕES REFLEXIVAS

Na educação escolar, sobretudo para o exercício formador e formando do magistério, temos como condição fundamental conhecer os fundamentos básicos da educação bem como seus métodos e técnicas. No campo epistemológico principalmente os fundamentos: históricos; sociológicos; psicológicos e filosóficos. Entre eles podemos tomar como exemplo de análise, o nosso exercício de filosofar a educação que tem sido denunciado por pesquisadores ou por esta mesma literatura da qual nos servimos. Como temos estudado, pesquisado este campo? Como temos pensado a educação, a escola?. Os estudiosos da própria Filosofia da Educação (SAVIANE, 2003; SEVERINO, 2002; LUCKESI, 1994 e outros) têm colocado nossa formação filosófica como um instrumento incapaz de promover o desenvolvimento do nosso espírito crítico. Ela não tem sido um instrumento de vida, de pensar e de trabalho a serviço de nossas necessidades e possibilidades de seres humanos. Tem desenvolvido uma linguagem vazia, estéril, cansativa, inerte, alheia aos interesses do homem desta terra. Ela que poderia organizar nosso pensamento, contribui para a confusão, o ecletismo vago.

Outra fator determinante no problema da produção científica nas academias está relacionado à formação literária dos estudantes que não praticaram a produção de textos desde os primeiros anos escolares. As dificuldades de compreensão dos livros-textos impossibilitam aos alunos e até professores o exercício da pesquisa e da produção de relatórios ou monografias, dissertações e teses. Estes e outros fatores têm resultado numa legião de pseudo-cientistas que se caracterizam como inábeis, resistentes e indispostos à investigação científica.

Qual é a conseqüência desta realidade das academias de ciências da educação, humanas, sociais etc.? Alunos e professores estudam apreendendo conteúdos hierarquizados através de conceitos isolados tornando-os alheios à realidade social.

Para nós professores a situação é emblemática. É necessário que obtenhamos clareza na busca, na criação e, sobretudo, na exposição do que, muitas vezes consideramos “verdades”, as nossas e a de outros estudiosos. Elas nem sempre são verdadeiramente nossas e, podem estar mais distantes ainda das verdades dos nossos alunos. Se, como Paulo Freire nos alerta “não devemos estar demasiadamente certo das nossas certezas”, na formação acadêmica frágil que temos reinará muito mais ainda a dúvida das verdades

científicas que produzimos. Elas dificilmente correspondem aos interesses majoritários da comunidade acadêmica.

Este trabalho na UESPI – Clóvis Moura constituiu-se numa prática educativa pensada, discutida, embasada teórico e empiricamente, buscando alcançar resultados concretos para todos os participantes. Tem sido uma experiência de educação no processo em que, conscientes de cada passo, de cada ação desenvolvida foi-se obtendo melhor compreensão da prática de pesquisa em educação tornando-se sujeitos participantes e ativos da produção científica em educação. Assim, deixamos de ser alheios ao fazer científico, pois estamos compreendendo nossa produção científica porque também produtores dela.

Na comunidade acadêmica onde foi desenvolvido este trabalho observa-se hoje outra postura acadêmica com relação à pesquisa em educação. No período de um ano e seis meses foram desenvolvidos 15 encontros e seminários de pesquisa nos quais foram oferecidos a alunos e professores: minicursos; oficinas; palestras; mesas-redondas; relatos de experiências e outras atividades todas voltadas para a investigação científica. Dezenas de pesquisadores da própria instituição e de outras universidades públicas e particulares foram convidados para socializarem suas experiências na produção de trabalhos científicos. Há no momento um crescente e efervescente desejo dos professores e alunos em torno da pesquisa em educação. O trabalho resultou numa constante procura por orientação de trabalhos de pesquisa e dezenas de bancas já foram constituídas para a apresentação de monografias de conclusão de curso. O trabalho conta com o apoio dos dirigentes da instituição e, especialmente a participação e entusiasmo de alunos e professores.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BOGDAN, Robert C. e BIKLEN, Sari Knoop. **Investigação qualitativa em educação**. São Paulo: Porto Editora, 1994.

FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994.

SAVIANI, Dermeval. **A filosofia da educação na Revista brasileira de estudos pedagógicos**. São Paulo: Cortez, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22º ed., rev. e ampliada de acordo com a ABNT, São Paulo, Cortez, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: ATLAS, 1997.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez – Autores associados, 1988 (coleção temas básicos de pesquisa-ação).